

“Na natureza selvagem”: os diferentes gêneros textuais na construção do livro-Reportagem

SIQUEIRA, Graciene Silva de
Universidade Federal do Amazonas

Resumo

O presente estudo consiste em uma análise da construção narrativa do livro-reportagem “Na natureza selvagem”, do jornalista Jon Krakauer. A obra relata a trajetória do americano Christopher McCandless, desaparecido por dois anos e encontrado morto em um ônibus, em 1992, no Alasca. Além do gênero jornalístico, o autor utiliza os gêneros interpessoal e ficcional. Partimos do conceito de Transtextualidade de Gérard Genette a fim de estabelecer as relações entre esses diferentes gêneros que compõem a obra, identificando o papel de cada um deles na narrativa jornalística.

Palavras-chave: Jornalismo. Livro-reportagem. Gêneros Textuais. Transtextualidade. Gérard Genette.

Abstract

This study is an analysis of the narrative construction of the book-report "Into the Wild", the journalist Jon Krakauer. The work reports the American trajectory Christopher McCandless, disappeared for two years and found dead on a bus in 1992 in Alaska. In addition to the journalistic genre, the author uses the interpersonal and fictional genres. We start from the concept of transtextuality Gérard Genette to establish the relationships between these different genres that make up the work, identifying the role of each in the journalistic narrative.

Keywords: Journalism. Book-entry. Textual genres. Transtextuality. Gérard Genette.

A história de Christopher McCandless

O livro-reportagem “Na natureza selvagem”: a dramática histórica de um jovem aventureiro (*Into the wild*), escrito pelo jornalista Jon Krakauer, narra as circunstâncias da morte de Joseph Christopher McCandless, de 24 anos, encontrado morto em um ônibus, numa região isolada do Alasca em 1992. Chris havia desaparecido dois anos antes, sem deixar vestígios, semanas depois de formar-se na Universidade de Emory, em Atlanta.

Jon Krakauer foi convidado pela revista *Outside* a escrever artigo¹ sobre McCandless, publicado em janeiro de 1993 com o título *Death of an innocent* e que serviu de base para o livro cujo trabalho de pesquisa e escrita levou três anos. “Na natureza selvagem” foi lançado em 1996 e esteve na lista dos livros de não-ficção mais vendidos do jornal *The New York Times* por dois anos.

¹ O artigo produzido por Jon Krakauer corresponde à reportagem no jornalismo brasileiro.

No livro, temos os gêneros jornalístico, interpessoal (cartas, cartões postais e diário de Chris) e o ficcional (excertos de livros como “Walden”, de Henry David Thoreau, “Felicidade conjugal”, de Liev Tolstói, e “O chamado da floresta”, de Jack London). Acreditamos que esses gêneros complementam e reforçam a narrativa jornalística no sentido de auxiliar o autor na reconstrução do perfil do biografado e o leitor em compreendê-lo.

A fim de analisar o papel dos diferentes gêneros textuais presentes no livro-reportagem “Na natureza selvagem”, vamos recorrer a Edvaldo Pereira Lima (2009) e Gérard Genette (2010). Do primeiro, utilizaremos o conceito de livro-reportagem e as características do texto que o compõe, a saber, a reportagem. De Genette, emprestaremos o tempo Transtextualidade, a partir do qual ele elenca cinco tipos de relações que dois ou mais textos podem estabelecer entre si. Ao identificarmos tais relações, apontaremos o papel destas na construção da narrativa jornalística do livro de Jon Krakauer.

Reportagem: o texto do livro-reportagem

Durante o trabalho de pesquisa para escrever o livro “Na natureza selvagem”, Jon Krakauer teve acesso ao conteúdo de cartas, cartões postais e diário de Christopher McCandless, os quais optou por transcrever. Esses textos caracterizam-se como gênero interpessoal, e somam-se ao gênero ficcional também utilizado por Jon Krakauer, especialmente com excertos de romances.

Apontamos dois fatores que contribuem para essa liberdade no uso de diferentes gêneros textuais no livro-reportagem. O primeiro diz respeito ao texto característico dele, a reportagem. Diferente da notícia, breve relato de um fato, a reportagem explora o assunto de forma exaustiva, ou como destaca Edvaldo Pereira Lima (2009), de maneira ampla, buscando antecedentes do fato e/ou mostrando a repercussão deste na sociedade. Nilson Lage (2006) também aborda as possibilidades trazidas pela reportagem:

Podem-se dispor as informações por ordem decrescente de importância, mas também narrar uma história, como fragmento de um romance. [...] Em certos casos, admite-se que o repórter conte o que viu na primeira pessoa. A linguagem também é mais livre...[...]. (LAGE, 2006, p.55).

O segundo fator está relacionado ao suporte livro. Enquanto no jornalismo impresso diário existe uma pressão para a produção de textos enxutos e objetivos que caibam nos centímetros determinados pelos jornais, o livro oferece um espaço abundante para o tratamento do assunto, como aponta Lima (2009) “[...] o livro-reportagem é o veículo de

comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos” (LIMA, 2009, p. 26). Essa amplitude - presente em todo o processo de elaboração do livro-reportagem – permite que o jornalista utilize outros recursos para complementar sua narrativa. No caso de “Na natureza selvagem”, além de diferentes gêneros textuais, encontramos mapas que ilustram o caminho percorrido por Chris McCandless em sua viagem rumo ao Alasca.

Essas possibilidades de construção do texto, como destacado, não estão presentes no jornalismo diário, com exceções de coberturas especiais. O tratamento mais apurado do texto é comum à revista e, como vimos, ao livro-reportagem. Tal cenário propicia ainda a aproximação do jornalismo a outros campos da escrita, como ocorre com a literatura, de onde o jornalista empresta elementos para a construção do seu texto. “Esse emprego é necessário porque, para alcançar poder de mobilização do leitor e de retenção da leitura por sua parte, a narrativa de profundidade deve possuir qualidade literária (LIMA, 2009, p.183).

Os americanos denominam a apropriação de elementos literários pela narrativa jornalística de Jornalismo Literário, termo também adotado no Brasil. Entre esses, os mais presentes no texto jornalístico são: ponto de vista, registro fiel dos traços do cotidiano, construção cena a cena e diálogos. Logo, o narrador em terceira pessoa dá lugar à narração em primeira pessoa; são registradas características do ambiente e dos personagens; reconstrói-se a história cena a cena e entram os diálogos, em substituição às citações. “Esse tipo de relato (reportagem) se apóia na *ação* e no detalhamento. Tenta reproduzir os fatos, realizando-os para o leitor”. (SODRÉ, 1986, p. 21).

Logo no primeiro capítulo de “Na natureza selvagem”, Jon Krakauer reconstitui a cena de encontro entre Cris McCandless e Jim Gallien, a última pessoa a vê-lo com vida, em trecho que lembra a um romance ficcional.

Jim Gallien estava a dois quilômetros e meio de Fairbanks quando viu o caroneiro de pé na neve, ao lado da estrada, polegar bem alto, tremendo de frio no amanhecer do Alasca. Não parecia ser muito velho: dezoito, talvez dezenove anos, no máximo. (KRAKAUER, 1996, p. 15).

No mesmo capítulo, a narrativa retoma à linguagem jornalística (ainda influenciada pelas impressões pessoais do autor) quando Krakauer usa citação direta da entrevista concedida por Jim Gallien sobre McCandless:

As pessoas de fora, relata Gallien com sua fala arrastada e sonora, pegam um exemplar da revista *Alaska*, folheia e ficam pensando: ‘Ei, vou para lá, viver da

terra, levar uma boa vida'. Mas quando chegam aqui e entram de verdade no mato, bem, aí não é como a revista tinha contado. (KRAKAUER, 1996, p.16).

Em relação à narrativa, como apontado por Lage, o autor pode escolher uma ordem que não seja linear. Jon Krakauer, por exemplo, inicia a narrativa do livro-reportagem a partir da chegada de Chris ao Alasca e nos capítulos seguintes registra as entrevistas feitas com amigos e familiares do jovem a fim de reconstituir os passos dele nos seus dois últimos anos de vida.

A presença do autor no texto é grande, e ele utiliza os capítulos 14 e 15 para narrar em primeira pessoa sua experiência em alpinismo. O objetivo é revelar ao leitor as motivações Chris, as quais Krakauer compreendia por ter passado por situação semelhante:

Minha suspeita de que a morte de McCandless não foi planejada, que se tratou de um terrível acidente, se origina da leitura dos poucos documentos que deixou e de conversas com as pessoas que estiveram com ele no último ano de sua vida. Mas minha percepção das intenções de McCandless vem também de uma perspectiva mais pessoal. (KRAKAUER, 1996, p. 143).

Assim, compreendemos a presença de diferentes gêneros textuais no livro-reportagem de Jon Krakauer como uma tentativa de reconstituir o perfil de Chris, mostrando-o como um jovem sedento por aventura e paz junto à natureza, e não um inconsequente como foi apontado por muitos. Como mostraremos na análise feita em alguns trechos, os textos dos gêneros interpessoal e ficcional estão relacionados especialmente ao tema tratado no capítulo no qual foram inseridos, e ainda que o autor muitas vezes não explicita essa conexão, é possível percebê-la durante a leitura.

Transtextualidade: tipificação das relações entre textos

Gérard Genette, em sua obra “Palimpsestos: a literatura de segunda mão”, propõe o termo transtextualidade “tudo que o coloca (texto) em relação, manifesta ou secreta, com outros textos” (GENETTE, 2010, p. 13), a fim identificar o tipo de relação que se estabelece entre dois textos. Como resultado, ele apresenta cinco tipos de relações transtextuais: intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, arquitextualidade e hipertextualidade, as quais buscaremos identificar na obra “Na natureza selvagem”.

O autor define intertextualidade como a presença efetiva de um texto em outro. É quando o autor faz referência a um texto externo ao seu, o que pode ocorrer em diferentes graus de proximidade, de forma explícita, por meio de citação, ou implícita por meio do plágio e/ou alusão. A relação denominada paratextualidade refere-se ao texto e ao conjunto de

elementos que o circundam, não necessariamente de forma explícita e próxima. São eles: título, subtítulo, intertítulo, prefácios, posfácios, prólogos, notas de rodapé e epígrafes. Estes trazem informações sobre o produto, na maior parte das vezes promovendo o consumo da obra.

Metatextualidade é uma relação mais crítica, onde o autor ou um dos personagens (reais ou fictícios) refere-se criticamente a outras obras. Não deixa de ser uma forma de intertextualidade, mas com o claro objetivo de tecer um comentário crítico. Em nosso objeto de estudo, o livro-reportagem “Na natureza selvagem” não identificamos esse tipo de relação.

Arquitextualidade, por sua vez, é a relação que um texto mantém com determinada categoria textual, sendo reconhecido como integrante desta especialmente por meio de sua estrutura. É possível, por exemplo, reconhecer dessa forma um poema, um bilhete, uma notícia entre outros. E quando essa identificação não é clara, a conexão pode ser estabelecida por um paratexto – o título ou uma indicação que o acompanhe. Porém, como destaca Genette (2010), cabe ao leitor aceitar ou não o *status* reivindicado. No caso de “Na natureza selvagem”, alguns elementos concorrem para que seja considerada um livro-reportagem, ainda que o autor não associe explicitamente o termo ao seu texto. Podemos estabelecer essa relação por meio dos paratextos – orelha, nota do autor, etc. – nos quais Krakauer insere a obra no campo jornalístico, ao referir-se ao trabalho de investigação empreendido por ele.

Por fim, a hipertextualidade é “toda relação que une um texto B (hipertexto) a um texto anterior A (hipotexto) do qual ele brota de uma forma que não é o comentário” (2010, p. 18). No caso do trabalho aqui proposto, o hipotexto seria o livro e o hipertexto (derivado) qualquer obra que o utilize como base para sua criação. Citamos como exemplo de hipertexto o filme homônimo dirigido por Sean Penn, adaptado da obra de Krakauer e lançado em 2007.

Assim, percebemos na obra de Krakauer as relações transtextuais: intertextualidade, paratextualidade e arquitextualidade. A primeira se dá efetivamente pela presença de textos dos gêneros interpessoal e ficcional na obra “Na natureza selvagem” pois o jornalista cita explicitamente trechos de cartas, do diário e de obras ficcionais. E esses mesmos textos é que vão estabelecer a relação paratextual, quando utilizados no início do capítulo assumindo a função de epígrafe, logo um paratexto.

Quanto à relação arquitextual, ela ocorre pela própria presença de diferentes gêneros textuais na obra de Jon Krakauer e as quais identificamos como pertencentes a determinada categoria, especialmente pela estrutura. O jornalista acrescenta assim a sua narrativa jornalística os gêneros interpessoal (bilhete, carta, cartão postal, etc) e ficcional (poema, romance, etc) que são facilmente identificados pela sua forma.

Como destaca Luiz Antônio Marcuschi (2008), os gêneros textuais não são estanques. Eles “têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma” (p. 150). Podemos exemplificar por meio da própria reportagem, texto jornalístico que se aproxima da literatura e, apesar de esta última modificar-lhe a forma, não o faz com a função, que é informar.

No caso dos gêneros interpessoal e ficcional utilizados no livro-reportagem, esses não apresentam modificações em sua forma, função, estilo, conteúdo ou meio de transmissão, critérios importantes ao se buscar categorizar um gênero textual. Assim, não vimos necessidade de nos aprofundarmos nesses, como fizemos com o gênero jornalístico, pois é percebido facilmente o gênero do qual fazem parte.

Gêneros interpessoal e ficcional no livro-reportagem

“Na Natureza Selvagem” é composto por 18 capítulos e o epílogo. O título de cada capítulo refere-se a lugares, a maior parte relacionados a Chris, mas também a familiares e ao autor Jon Krakauer. Na abertura de cada capítulo, Krakauer transcreve um ou dois textos, dos gêneros interpessoal e/ou ficcional. O jornalista não busca estabelecer relação entre os diferentes textos utilizados como epígrafe e o seu texto jornalístico, porém, é fácil perceber a conexão entre eles. O autor só comenta o conteúdo do gênero textual utilizado quando esse é inserido na narrativa jornalística, ou seja, no meio do capítulo. As únicas imagens utilizadas na obra são mapas, cuja função é ilustrar o percurso de McCandless. Eles estão localizados antes da nota do autor e dos capítulos 1, 2, 4 e 9.

A narrativa do livro e dos capítulos não é linear. A obra inicia com a chegada de Chris ao Alasca, para no segundo capítulo revelar sua morte. A partir daí o jornalista reconstitui os passos de Chris, da fuga em Atlanta ao Alasca, retomando ainda à infância do jovem e a relação com a família, mas não em ordem cronológica. Por outro lado, a história de McCandless não é o foco dos capítulos 8, 9, 14, 15, 17, 18 e epílogo. Neles, o relato é sobre outros aventureiros que a exemplo de Chris morreram em sua busca pela natureza selvagem, sobre as experiências de Krakauer em alpinismo, e sobre as visitas que o jornalista fez, sozinho e com os pais de Chris, ao ônibus onde o corpo de Chris foi encontrado.

Na narrativa interna dos capítulos, ocorre o mesmo. O capítulo 3, por exemplo, intitulado “Cartago”, Krakauer inicia o texto descrevendo a cidade que dá nome ao título, para em seguida narrar o encontro com Wayne Westerberg, ex-patrão de Chris, e a entrevista na qual ele revela como conheceu o jovem e qual foi sua impressão dele. Ainda nesse capítulo,

Krakauer fala sobre os pais de Chris, a vida na faculdade e os eventos que antecederam o desaparecimento do rapaz.

No primeiro capítulo, “O interior do Alasca”, Jon Krakauer utiliza dois elementos para complementar a narrativa: um mapa da região de Yukon, de onde Chris enviou cartão-postal ao ex-patrão Wayne Westerberg, e o conteúdo deste, reproduzindo-o em forma de epígrafe no início do capítulo:

27 de abril de 1992

Saudações de Fairbanks! Esta é a última vez que você terá notícias minhas, Wayne. Cheguei aqui há dois dias. Foi muito difícil pegar carona no território de Yukon. Mas finalmente cheguei. Por favor, devolva toda a minha correspondência para os remetentes. Posso demorar muito até voltar para o Sul. Se esta aventura se revelar fatal e você nunca mais tiver notícias de mim, quero que saiba que você é um grande homem. Caminho agora para dentro da natureza selvagem. Alex.

CARTÃO-POSTAL RECEBIDO POR WAYNE WESTERBERG EM CARTAGO, DAKOTA DO SUL

Figura 1: Cartão postal de Christopher McCandless (KRAKAUER, 1996, p. 15)

O texto do cartão postal é o primeiro registro pessoal de Christopher McCandless utilizado no livro e parece confirmar o que muitos questionaram na época de sua morte, que ele estava em uma missão suicida. Porém, ao longo da narrativa, Jon Krakauer vai desconstruindo essa primeira impressão, tarefa a que se propõe quando diz que a morte de McCandless não foi planejada, mas sim um acidente. Krakauer diz que sua convicção vem das anotações de Chris, às quais teve acesso, e também das entrevistas com as pessoas que ele conheceu durante a viagem. O que nos leva a considerar que o uso do conteúdo do cartão postal, especificamente no início da obra tem como propósito conduzir a uma desconstrução do que é dito no texto que inicia a narrativa do livro.

Entre os gêneros interpessoal e ficcional, o mais utilizado pelo jornalista é o primeiro, com 43 transcrições. São trechos de cartões postais, cartas, trechos do diário, bilhetes, inscrições em madeira etc. A maior parte dos registros são de Chris, mas há também cartas de leitores para Jon Krakauer e cartas de outros aventureiros (cujas histórias são citadas por Krakauer) para suas famílias. Do segundo gênero, o jornalista utiliza 29 trechos ao longo da narrativa, entre livros de autores lidos por Chris McCandless ou de escolha do jornalista, cujo teor é a exaltação à natureza e a relação desta com o homem. Entre eles, há um único poema, “Homens sábios em suas horas ruins”, de Robinson Jeffers, transcrito por Chris McCandless na última folha de um livro. O texto tem como tema a morte, não por acaso o destino que o jovem encontrou após 113 dias dentro de um ônibus no Alasca e também o

conteúdo do capítulo 18, no qual está inserido. Nele, o jornalista Jon Krakauer fala sobre como ocorre a morte por inanição (apontada como causa da morte de McCandless) e transcreve as últimas anotações do diário do jovem. Ou seja, é o capítulo no qual Krakauer fala sobre a morte de Chris e sua teoria de que o rapaz teria comido uma planta venenosa por engano o que teria agravado sua saúde já debilitada por falta de comida.

A morte é uma calhandra feroz; mas morrer tendo feito
Alguma coisa mais à altura dos séculos
Do que músculo e ossos é principalmente não deixar passar fraqueza.
As montanhas são pedra morta, as pessoas
Admiram ou odeiam sua estatura, sua quietude insolente,
As montanhas não são amolecidas ou perturbadas
E os pensamentos de alguns homens mortos têm a mesma têmpera.

Figura 2: Poema transcrito por Christopher McCandless (KRAKAUER, 1996, p. 206)

Os capítulos 4 e 18 são os que trazem maior número de textos interpessoais e ficcionais, com 9 e 11, respectivamente. Sobre o capítulo 18 já destacamos que o mesmo se concentra na morte do jovem, reforçado pelo poema e também pelos textos que compõem a epígrafe. Já o capítulo 4 descreve o itinerário de Chris após ele fugir de Atlanta. Krakauer utiliza como epígrafe trecho do livro “Homem na paisagem: uma visão histórica da estética da natureza”, de Paul Shepard, autor de inúmeros livros sobre natureza e o homem.

04 DETRITALWASH

O deserto é o ambiente de revelação, estranho genética e fisiologicamente, sensorialmente austero, esteticamente abstrato, historicamente hostil. [...] Suas formas são nítidas e sugestivas. A mente é assediada por luz e espaço, a novidade cinestésica da aridez, alta temperatura e vento. O céu do deserto é abarcante, majestoso, terrível. Em outros habitats, a linha do céu acima do horizonte é quebrada ou obscurecida; aqui, junto com a parte acima da cabeça, é infinitamente mais vasta do que a do campo ondulado e a das florestas. [...] Num céu desobstruído, as nuvens parecem mais imponentes, refletindo às vezes a curvatura da Terra em suas concavidades inferiores. A angulosidade das formas terrestres do deserto empresta uma arquitetura monumental tanto à terra como às nuvens. [...]

Ao deserto vão profetas e eremitas; pelo deserto cruzam peregrinos e exilados. Aqui, os líderes das grandes religiões buscaram os valores terapêuticos e espirituais do retiro, não para fugir da realidade, mas para encontrá-la.

PAUL SHEPARD HOMEM NA PAISAGEM:
UMA VISÃO HISTÓRICA DA ESTÉTICA DA NATUREZA

Figura 3: Trecho da obra utilizada como epígrafe no capítulo 4 (KRAKAUER, 1996, p.36)

O trecho em destaque reflete sobre a busca do homem na natureza e o que esta reserva a ele. Apresenta ainda a natureza como lugar na qual as pessoas vão para se reencontrarem, não para fugir da realidade, o que Krakauer argumenta ter sido o objetivo de Christopher McCandless. Ainda no capítulo há trechos de outro cartão postal de Chris para Wayne Westerberg, registro de sua aventura na represa de Morelos, fronteira dos Estados

Unidos com o México e também o retorno a solo americano. A maior parte dos registros pessoais de Christopher são feitos em terceira pessoa, onde ele assume o papel de narrador do seu alter ego, Alexander Supertramp, nome que adotou ao fugir de casa e destruir seus próprios documentos.

O mosaico de gêneros textuais proposto por Jon Krakauer não é uma novidade no campo jornalístico. Como apontado anteriormente, são várias as possibilidades na construção narrativa quando se trata de livro-reportagem. Essa vai de um simples relato a um texto mais elaborado, com o empréstimo de recursos de campos como a literatura. A construção do texto depende exclusivamente de qual seja o objetivo do autor e, como vimos, Jon Krakauer busca por meio de sua narrativa apresentar quais as motivações para a fuga de Christopher McCandless e o seu fascínio pela natureza selvagem.

Assim, por meio do gênero interpessoal, Krakauer revela as motivações e os conflitos do jovem e, por meio do gênero ficcional, traça o fascínio que a natureza exerce sobre o ser humano e que poderia explicar, em parte, a fuga de Chris. Não que o jornalista não aborde tais questões em sua narrativa jornalística, mas ao utilizar excertos de cartas, diários e cartões postais, Krakauer dá uma nova dimensão ao texto por meio da “voz” do biografado. O jornalista consegue o mesmo efeito ao recorrer a textos ficcionais de autores lidos por Christopher McCandless, como Henry David Thoreau, Liev Tolstói e Jack London. Percebemos pelos trechos marcados por Chris, e até mesmo a partir da biografia dos autores, que eles compartilham de trajetórias e/ou ideais semelhantes. Mesmo não traçando esses paralelos, ao usar tais trechos, Jon Krakauer conecta o biografado Chris aos textos. Henry David Thoreau decidiu morar por um ano em uma cabana próximo ao lago Walden, disposto a sobreviver com o que a natureza tinha a oferecer; como Christopher McCandless. Igualmente como Liev Tolstói, Chris preferiu abdicar de uma vida de luxo, por uma mais simples. E, como os personagens de Jack London nas obras “O chamado selvagem” e “Caninos brancos”, McCandless buscou encontrar o seu verdadeiro “eu” junto à natureza.

Considerações finais

A partir da análise da construção narrativa de “Na natureza selvagem”, percebemos o livro-reportagem como um campo aberto a experimentações no que se refere à narrativa. Não se trata apenas de o jornalismo apropriar-se de elementos característicos de outras áreas, como a literatura, para elaboração da reportagem, mas do autor recorrer a outros gêneros na elaboração do seu texto.

Jon Krakauer escolheu os gêneros interpessoal e ficcional para complementar sua narrativa, o que permitiu melhor compreensão por parte do leitor sobre quem era o biografado Christopher McCandless e quais suas motivações. Essa percepção ocorre durante a leitura, na qual conseguimos conectar trechos de documentos escritos por Chris e de romances lidos (ou não) por ele, com a narrativa de Jon Krakauer. Pois, como destacamos durante a análise, na maior parte do tempo o jornalista não justifica o uso dos textos. A relação explícita ocorre especificamente quando o texto interpessoal e/ou ficcional é inserido no corpo do capítulo. Tal estratégia não compromete a compreensão do texto, ao contrário, concorre para que os três gêneros: jornalístico, interpessoal e ficcional construam uma narrativa coesa e atraente. Lembrando que entre os textos jornalísticos, a reportagem, seja na revista ou em livro, é a que melhor aceita tais estratégias na construção narrativa.

Referências

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Trad. Cibele Braga *et al.* Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

JON KRAKAUER + Sean Penn: Back into the wild. *National Geographic*. Disponível em: <<http://nationalgeographic.com>>. Acesso em: 23 out. 2015.

KRAKAUER, Jon. Death of an innocent: how Christopher McCandless lost his way in the wilds. *Go Outside*. Santa Fé, NM. Jan. 1993. Disponível em: <<http://www.gooutside.com.br>>. Acesso em: 23 out. 2015.

_____. **Na natureza selvagem**: a dramática história de um jovem aventureiro. Trad. Pedro Maia Soares. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2006 (Princípios).

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri: Manole, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986. (Novas buscas em comunicação).

WEBSITE Christopher McCandless (Alexander Supertramp). Estados Unidos: Memorial Christopher McCandless. Apresenta informações sobre o livro e o filme *Na Natureza Selvagem*. Disponível em: <<http://www.christophermccandless.info/>>. Acesso em: 23 out. 2015.